

Feiras em tempos de pandemia: reflexões a partir de comida e risco

Los mercados en tiempos de pandemia: reflexiones desde la
alimentación y el riesgo
Fairs in times of pandemic: reflections from food and risk

Luceni Medeiros Hellebrandt¹
Renata Tomaz do Amaral Ribeiro²
Flor Wienke Tavares³
Renata Menasche⁴

Resumo

Este texto surge das inquietações sobre nossas pesquisas em desenvolvimento, discutidas no Grupo de Estudos Comida para Pensar e atravessadas pelo contexto pandêmico. O tema do risco, permeando os estudos de alimentação, tem sido um dos eixos de discussão no grupo, de forma que apresentamos aqui uma articulação entre pesquisas realizadas em feiras de alimentos, amparadas na relação entre comida e risco, intensificada pela pandemia de Covid-19. Através da observação de publicações nas redes sociais das feiras pesquisadas, identificamos elementos que nos permitem pensar como ocorrem as feiras em tempo pandêmico. Recorrendo a imagens presentes em publicações nas redes sociais, apontamos alguns desses elementos, que passaram a fazer parte do cotidiano de comerciantes e consumidoras/es: da esfera jurídica, como decretos e regulamentações; objetos físicos, como máscaras, álcool gel, marcadores para distanciamento; bem como elementos criativos, que visam permitir a comercialização segura dos alimentos.

Palavras-chave: feiras de alimentos; comida; risco; pandemia

Resumen

Este texto surge de las preocupaciones sobre nuestra investigación en progreso, discutida en el Grupo de Estudio “Comida para Pensar” y atravesada por el contexto de la pandemia. El tema del riesgo, permeando los estudios alimentarios, es uno de los ejes de discusión en el grupo, por lo que aquí presentamos un vínculo entre la investigación realizada en ferias alimentarias, sustentada en la relación entre alimentación y riesgo, e intensificada por la pandemia de Covid-19. A través de la observación de publicaciones en las redes sociales de las ferias encuestadas, identificamos elementos que nos permiten pensar cómo ocurren las ferias en un período pandémico. Con imágenes de las publicaciones, señalamos los elementos del ámbito legal, como decretos y reglamentos, así como objetos físicos como máscaras, gel de alcohol, marcadores de distancia y elementos creativos para permitir la comercialización segura de alimentos, que se convierten en parte de la

¹ Pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil (2017).

² Cientista Social, mestra e doutoranda em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³ Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL).

⁴ Professora do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), vinculada ao Departamento de Antropologia e Arqueologia. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

vida diária de comerciantes y consumidores.

Palabras clave: ferias alimentarias; comida y riesgo; elementos pandémicos

Abstract

This text arises from concerns that became from research in development, discussed in the “Comida para Pensar” Research Group, and crossed by the pandemic context. The theme of risk, permeating food studies, is one of the axes of discussion in the group, so we present here a link between research carried out at food fairs, supported by the relationship between food and risk, and intensified by the Covid-19’s pandemia. Through the observation of publications on the social networks of the surveyed fairs, we identified elements that allow us to think about how fairs occur in a pandemic period. With images from the publications, we point out the elements of the legasphere, such as decrees and regulations, also physical objects such as masks, alcohol gel, distance markers, and the creative elements that allow the safe commercialization of food, because such elements became part of the daily lives of producers and consumers.

Keywords: food fairs; food and risk; pandemic elements

Introdução

Preocupações associadas à qualidade sanitária do que comemos é tema que ganha maior atenção acadêmica ainda na década de 1990, em um período influenciado por discussões levantadas por Ulrich Beck acerca dos riscos globalizados, aos quais até então pouco atentávamos. Em “Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade”, publicado inicialmente em 1986, mesmo ano do acidente nuclear ocorrido em Chernobyl, o sociólogo colocava em evidência o lado menos glamoroso dos avanços tecnológicos da modernidade. A partir das reflexões de Beck (1991), consolida-se o entendimento de que catástrofes, crises e tragédias podem ocorrer mesmo nos processos mais controlados, afetando também a vida de quem não tem relação direta com o processo em questão. A noção de risco sai do laboratório e passa a habitar a vida ordinária.

Logo no início do livro, Beck (2010, p. 7) destaca que o século XX não foi pobre em catástrofes históricas. Olhando para o mundo a partir do norte europeu, cita Auschwitz, Nagasaki, Harrisburg, Bhopal e, por último, Chernobyl, destacando que, embora todas esses episódios tenham em comum a tragédia humana, somente em Chernobyl a barreira do distanciamento seria quebrada. “É o fim dos ‘outros’”, atesta. Marco Aurélio Nogueira, cientista político responsável por apresentar a edição brasileira de “Sociedade de Risco”, escreve, no texto de orelha, que, na nova modernidade apresentada por Beck, o perigo é tal que “as ameaças vêm a reboque do consumo cotidiano, infiltradas na água, em alimentos, nas roupas, nos objetos domésticos”, destacando que o acidente de Chernobyl espalhou caos e pavor pela Europa, colocando em suspenso a respiração do planeta.

Impossível não refletir sobre as semelhanças dessa história com o contexto pandêmico em que nos encontramos desde o início de 2020, com a disseminação do coronavírus Sars-Cov2 a representar perigo a ponto de levar a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar, em 11 de março de 2020, pandemia⁵. Embora a nova situação ainda estivesse cercada de incertezas, já se podia constatar que o vírus se disseminava em escala de tempo muito curta, apresentando elevados níveis de contaminação, fazendo recomendar, como forma de prevenção ao contágio, o distanciamento social e suspensão de atividades que não o pudessem incorporar.

Como em demais aspectos da existência humana, desde então a pandemia tem se atravessado também em nossas atividades acadêmicas. E é assim que, neste texto, apresentamos

⁵ Ver: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>.

uma discussão iniciada nas reuniões do Grupo de Estudos Comida para Pensar, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura – GEPAC (<https://www.ufrgs.br/gepac/>), coordenado por Renata Menasche e do qual participam pesquisadoras/es e estudantes vinculadas/os ao Bacharelado em Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel) e ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS).

Conforme Silva e Menasche (2020), em nossa sociedade, a pandemia de Covid-19 tem afetado a vida cotidiana tanto no âmbito familiar como no público, de modo que, por meio de expressões diversas, têm surgido outras formas de relacionamento com a comida e o comer. Assim, provocadas pelas teorias sobre risco e tendo como foco de análise feiras de comercialização direta de alimentos, em que a circulação entre produtores e consumidores se realiza sem mediação de terceiros, nos propusemos a pensar sobre as transformações ocorridas na feira em tempos de pandemia.

Para tal, iniciamos o texto retomando o debate sobre risco e comida, amparadas por um referencial teórico de discussões ocorridas em torno do perigo de contaminação advindo de agrotóxicos e de alimentos geneticamente modificados, comumente postos à mesa e consumidos em nossa sociedade. Em seguida, apresentamos nossos campos de pesquisa e metodologia utilizada para a construção deste artigo – as redes sociais virtuais de três feiras de comercialização direta, localizadas no estado do Rio Grande do Sul (duas em Pelotas e uma em Porto Alegre). A partir da análise das publicações das feiras nas redes sociais, apontamos elementos que identificamos como caracterizadores, nos contextos e período estudado, de uma feira em tempos de pandemia. Ao final, pontuamos algumas reflexões sobre o tema.

Comida e risco

Ao analisar a interdisciplinaridade nas pesquisas em alimentação nas ciências humanas, Rocha e colaboradoras (2014) apresentam algumas modificações relacionadas ao consumo alimentar, destacando que, nas últimas décadas do século XX, a indústria centralizou a maior parte do que consumimos. As autoras pontuam que, nesse processo, houve tanto uma “intensificação dos procedimentos voltados à higienização e maior oferta de alimentos [quanto] a utilização indiscriminada de produtos químicos sintéticos no cultivo e processamento dos alimentos [...] e o incremento da transgenia” (ROCHA et al, 2014, p. 407-408).

Nesse quadro, Renata Menasche (2003) desenvolveu pesquisa acerca da incorporação de alimentos geneticamente modificados no cotidiano de moradores de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. No capítulo 3 de sua tese, a autora apresenta o debate “Transgênicos, ciência e risco”, no qual sintetiza contribuições centrais no debate sobre risco, a partir da antropologia, com os trabalhos de Mary Douglas, e da sociologia, com os trabalhos de Ulrich Beck.

Ao analisar as contribuições de Mary Douglas e Aaron Wildavsky, expostas no livro publicado no ano de 1982 e denominado *Risk and Culture: an essay on the selection of technological and environmental dangers*, a pesquisadora destaca que:

[...]esses autores reconhecem que todas as formas de conhecimento são socialmente produzidas e que todo o conhecimento é contestado. É assim que, identificando na sociedade (na sociedade norte-americana dos 1980s, tratada como caso etnográfico) diferentes visões de mundo, às quais corresponderiam diferentes percepções de risco, a teoria cultural dos riscos aponta, por um lado, para a diluição das diferenças entre as visões leiga e perita e, por outro, para a análise

cultural como caminho para a compreensão das percepções de risco – construídas a partir de critérios sociais e culturais – de diferentes sociedades e diferentes grupos em sociedades complexas. (MENASCHE, 2003, p. 109 – grifos da autora).

Já a perspectiva adotada por Ulrich Beck se distancia do plano das percepções, perspectiva proposta pela teoria cultural dos riscos, ao concentrar a análise nas especificidades dos riscos contemporâneos. A pesquisadora pontua que “[e]m *Risk Society*, Beck argumenta que a nova dimensão e natureza alcançadas pelo risco, apontadas como características da sociedade contemporânea, são resultantes do crescimento exponencial das forças produtivas, da super-produção industrial” (MENASCHE, 2003, p. 110 – grifo da autora). Conforme apontamos na introdução deste artigo, o ocorrido em Chernobyl evidenciou, para Beck, a passagem dos riscos ambientais e tecnológicos a pontos centrais e constitutivos das sociedades atuais.

Apesar das diferenças nas visões sobre risco de Mary Douglas e Ulrich Beck, há aproximação quando ambas as perspectivas observam as novas relações na disputa pela verdade em meio à incerteza. É necessário considerar que a visão socioconstrutivista da teoria cultural dos riscos, inaugurada pelo debate promovido por Mary Douglas em “Pureza e Perigo”, relacionando as restrições alimentícias à poluição moral, “não foi motivada, originalmente, pela preocupação com os riscos tecnológicos ou naturais, mas pelo estudo antropológico de rituais de purificação em sociedades simples” (GUIVANT, 1998, p. 5). Contudo, a partir do encontro com Aaron Wildavsky e da crescente presença da “nova profissão de especialistas em riscos” – mas também, podemos dizer, em acordo com a perspectiva que Douglas já desenvolvia em seus trabalhos (FARDON, 2004) –, a discussão passa a incorporar as sociedades modernas, isso a partir da disputa do que são ações seguras na perspectiva das evidências científicas. Segundo a autora, “na seleção dos riscos relevantes, nem sempre a evidência científica teria o papel esclarecedor, pelo fato de que a escolha responderia a fatores sociais e culturais, e não naturais” (GUIVANT, 1998, p. 5). No mesmo sentido, Ulrich Beck, em trabalho desenvolvido em parceria com Anthony Giddens, considera que “na sociedade de risco haveriam novas relações entre os sistemas de conhecimentos leigos e peritos, dado que a anterior fé na ciência e nos cientistas teria se erodido, todo o conhecimento passando a ser contestado” (MENASCHE, 2003, p. 112).

A incerteza é, então, fator preponderante que permeia as ações e decisões sobre que riscos assumir. À época da pesquisa realizada por Menasche, a autora já destacava a importância do discurso midiático para determinar as decisões dos consumidores quanto aos alimentos transgênicos. Passadas duas décadas, em um contexto de risco fortemente agravado por uma epidemia viral, a disputa pela verdade nos discursos midiáticos é também intensificada pelo protagonismo de redes sociais virtuais, constituídas em plataformas digitais para interação e comunicação.

As considerações desenvolvidas até aqui colocam-se como pano de fundo das discussões realizadas no âmbito do Grupo de Estudos Comida para Pensar, sobretudo no que se refere às pesquisas nas feiras, que serão trazidas. Na sequência, apresentaremos as feiras em que realizamos as pesquisas e a metodologia empregada para a construção da discussão apresentada neste texto.

As feiras da pesquisa

As pesquisas acontecem em feiras de Porto Alegre e Pelotas (Rio Grande do Sul), marcadas seja pela proposta agroecológica, orgânica ou da pesca artesanal. A pesquisa que se situa em Porto Alegre é realizada junto à Feira dos Agricultores Ecologistas⁶ (FAE), já as pesquisas localizadas

⁶ A FAE é um local de aquisição e comercialização de produtos orgânicos produzidos pela Agricultura Familiar, bem

em Pelotas são desenvolvidas junto a Associação Regional dos Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-Sul) e à Associação dos Feirantes Pescadores Artesanais de Pelotas (AFPA-Pel).

Em comum, as três feiras têm a proposta de encurtar a cadeia de comercialização, oportunizando a agricultoras/es ou pescadoras/es a oferta de forma direta de alimentos de qualidade a consumidoras/es do meio urbano. Apresentamo-las brevemente:

Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE)

A FAE ocorre em Porto Alegre, no bairro Bom Fim, desde sua inauguração em 1989. Acontece aos sábados, entre 7h e 13h, contando com 44 bancas distribuídas ao longo da primeira quadra da Avenida José Bonifácio. Antes da pandemia, estimava-se que cerca de 15 mil pessoas circulavam pelo espaço da feira, entre consumidoras/es assíduas/os e eventuais, bem como turistas e transeuntes (RIBEIRO, 2020). Entre as famílias rurais que comercializam na FAE, estão agricultoras/res de diferentes localidades. Para além do horário oficial, na prática, o processo de organização da feira tem início aproximadamente às 4h, sendo que, antes da pandemia, os primeiros consumidores costumavam chegar às 6h, muitos em busca de produtos raros ou que são rapidamente vendidos e também porque, mais cedo, estão mais frescos. O horário regular de término da feira é entre as 13h30min e 14h, momento em que os últimos agricultores terminam de desmontar suas bancas e quando ocorre a xepa⁷.

Associação Regional dos Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-Sul)

A ARPA-Sul é uma entidade formada em 1995 por famílias da região Sul do estado do Rio Grande do Sul, que expõem sua produção agroecológica ou orgânica em seis feiras livres na cidade de Pelotas, distribuídas de forma itinerante e em dias alternados (dados de abril de 2020). Além disso, ocorre também o fornecimento de alimentos orgânicos por parte de produtores locais para revenda em algumas lojas e mercados. Dentre estas feiras, a maior em tamanho, mais conhecida e precursora deste movimento em Pelotas é a Feira Agroecológica da ARPA-SUL, que acontece nos sábados de manhã, em um trecho de uma rua que é, nesse período, fechada para dar lugar à feira, e que faz esquina com uma das principais avenidas de Pelotas, a Av. Dom Joaquim (TAVARES, 2021).

Associação dos Feirantes Pescadores Artesanais de Pelotas (AFPA-Pel)

A AFPA-Pel é oficialmente constituída no ano de 2018, reunindo famílias envolvidas na atividade pesqueira artesanal da Colônia Z3, uma das comunidades pesqueiras de Pelotas. Embora de constituição recente, a estrutura de associação existe há pelo menos uma década, quando um grupo de 20 famílias se organizou para acessar crédito através de políticas públicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e adquirir estruturas para bancas de comercialização de pescado, dando origem à “Feira do Peixe” (HELLEBRANDT, 2012). As bancas se espalham pelos bairros de Pelotas, em dias alternados, encurtando a cadeia

como um espaço de cultura e turismo. Lá os agricultores ecologistas comercializam seus produtos produzidos conforme um sistema orgânico de produção agropecuária. As Feiras ecológicas, em Porto Alegre, seguem a resolução da SMIC nº 3, de 26 de dezembro de 2012, que entende como sistema orgânico de produção agropecuária o definido pela Lei Federal 10.831/2003 e regulamentado pelo Decreto Federal nº6.323/2007 (RIBEIRO, 2020).

⁷ Termo utilizado pelos consumidores, que no término da feira, vão em busca de descontos ou até mesmo doações.

de comercialização ao levar diretamente ao consumidor urbano o pescado capturado e beneficiado pelas famílias que dependem da pesca artesanal na Z3. Durante a Semana Santa, em abril, o grupo promove a “Semana do Peixe”, com algo em torno de 50 pontos de comercialização de pescado, espalhados, durante quatro dias, por toda a cidade de Pelotas.

Da realização das pesquisas em tempos pandêmicos

Março de 2020 inaugurou um período em que se fez necessário pensar, repensar e adaptar tudo, inclusive metodologias de pesquisa. As incertezas sobre as maneiras de disseminação e contágio do coronavírus Sars-Cov2 exigiram atenção e cuidado de todas as formas e em todos os aspectos, gerando inseguranças particularmente intensas durante todo o ano de 2020, uma vez que o mais importante meio de controle da pandemia – a vacinação – apenas teria início no Brasil em janeiro de 2021, tendo avançado lentamente durante muitos meses, ao tempo em que se sucediam números crescentes e trágicos de pessoas infectadas e de mortes.

Orientações sobre metodologias para condução segura de pesquisas eram discutidas largamente nos primeiros meses de pandemia, como foi o caso do webinar *Ethical Dilemmas in Anthropological Research*, promovido pelo World Council of Anthropological Associations (WCAA), em 31 de julho de 2020⁸. Na ocasião, Patricia Torres Mejia, pesquisadora do Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), do México, destacou que conduzir pesquisa com segurança, evitando riscos de contágio, passava a ser uma questão ética para a pesquisa antropológica, na medida em que cabia evitar risco de contágio nas interlocuções.

Preocupadas, portanto, em conduzir as ações de pesquisa de forma segura, definimos como proposta metodológica utilizar a internet como ferramenta de pesquisa. Inspiramo-nos, entre outros, na apresentação do dossiê “Estratégias para pensar o digital”, na qual as organizadoras refletem sobre o uso da pesquisa mediada pela internet na busca de respostas para os desafios colocados pela pandemia da Covid-19” (LINS, PARREIRAS, FREITAS, 2020). Desta forma, observamos as redes sociais virtuais das três feiras e analisamos as publicações, buscando entender as características das feiras em tempos de pandemia. Como resultados dessas observações, ocorridas ainda em 2020, apresentamos alguns elementos presentes nas publicações analisadas, que evidenciam características das feiras em tempos pandêmicos.

Elementos observados nas feiras em tempos pandêmicos

As observações das publicações das feiras suscitaram discussões no âmbito das reuniões do Grupo de Estudos Comida para Pensar e possibilitaram algumas reflexões no sentido de identificar o que estamos aqui denominando como elementos das feiras em tempos pandêmicos. Apontamos especificamente três elementos, que apresentamos na sequência, evidenciados a partir de imagens extraídas das publicações nas redes sociais virtuais das feiras estudadas.

Elementos da esfera jurídica

Tais elementos são pertinentes à normatização e controle da conduta em ambiente de feira, dado que passamos a vivenciar uma nova regulamentação da vida, das condutas, das formas de agir. Assim, decretos passaram a normatizar o que pode e o que não pode. As feiras livres têm tido

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/whm7kTKzTr8> e maiores informações sobre este e outros webinars promovidos pelo WCAA, ver: <https://www.waunet.org/wcaa/publications/webinars>.

que se adaptar a essa regulamentação, para que continuem suas atividades nos espaços públicos. Vale ressaltar a velocidade com que as regras são alteradas, sendo os decretos baseados em decisões políticas momentâneas, pautadas no que podemos considerar uma política da incompletude (SEGATA, 2020, p. 293), que fomenta a incerteza... afinal, seguimos em um período de incertezas.

Imagem 1: Placa informando a obrigatoriedade do uso de máscara.



Fonte: Página de Facebook da FAE

Imagem 2: Publicação apresentando um mapa com novo ordenamento espacial da feira



Fonte: Página de Facebook da FAE

Imagem 3: Foto de feirante exibindo o decreto que orienta o funcionamento da feira, afixado na banca



Fonte: Página de Facebook da AFPA-Pel

Elementos/objetos físicos

Os marcadores visíveis dos tempos pandêmicos são máscaras, álcool gel e linhas/marcações que delimitam a ocupação do espaço. Tais elementos têm presença obrigatória nas bancas das feiras estudadas, sendo seu uso incorporado em rituais estabelecidos de segurança: a máscara é colocada para ir à feira, fazer as compras, ou para atender aos clientes; o álcool gel é passado nas mãos antes e depois de pegar o alimento; o espaço reservado para circulação é marcado a partir da lógica do distanciamento de outras pessoas.

Imagem 4: Publicação com foto da entrada da FAE: orientação e álcool gel



Fonte: Página de Facebook da FAE

Imagem 5: Álcool gel e placa orientando a higienização das mãos.



Fonte: Página de Facebook da FAE

Imagem 6: Foto dos comerciantes com máscara e a presença do tubo de álcool gel na banca



Fonte: Página de Facebook da FAE

Imagem 7: Foto do comerciante com máscara e uma pia improvisada na banca, para a lavagem de mãos



Fonte: Página de Facebook da AFPA-Pel

Imagem 8: Foto de comerciante com máscara, presença de álcool gel na banca e de uma faixa de isolamento



Fonte: Página de Facebook da AFPA-Pel

Elementos criativos

Podem ser observadas algumas ações estratégicas para comercialização. Ainda que as tecnologias e redes sociais virtuais não sejam novidade, seu emprego foi intensificado a partir do início da pandemia, de forma que o uso dessas formas digitais de comunicação se tornou estratégico na intermediação das negociações. Entre eles, a criação de clubes de assinaturas para a programação da compras e entregas em domicílio, a exibição de produtos em fotos no Instagram e o protagonismo do WhatsApp.

Imagem 9: Comunicado de mudança no horário da feira e contatos de WhatsApp

COMUNICADO
MUDANÇA DE DIA DE FEIRA

Devido ao agravamento da pandemia e **enquanto durarem os decretos de lockdown nos finais de semana**, a tradicional feira da Associação Arpa-Sul na Avenida Dom Joaquim, em Pelotas, será **antecipada para sextas-feira**, das 07h às 14h.

Nesse mesmo dia serão realizadas entregas de cestas a domicílio para as pessoas que não podem ir na feira e para isso segue abaixo o contato de uma pessoa por grupo.

Atenção!!!! As encomendas devem ser feitas até às 21h, das quintas-feira. Todos contatos disponibilizados são de WhatsApp.

Grupo Caneleira – 53- 98124 7674 Marcia Scheer
Grupo Qualivida – 53 – 98475 7478 Vera
Grupo Arroio do Padre – 53 98432 6170 Orlando
Grupo Oliveira – 53 98436- 4115 Eloni
Grupo Turuçu – 53 98419 0216 Liane
Grupo Vila Nova – 53 98402 5183 Andréia
Grupo Remanso – 53 99926 9668 Denise *encomendas até as 19 horas

A associação Arpa-Sul está prezando para que você tenha em sua mesa uma alimentação saudável, de qualidade e com segurança.

Fonte: Perfil de Facebook da ARPA-Sul

Imagem 10: Publicação com telefones de contato das/dos produtoras/es

ATUALIZADO!

CONTATOS DOS AGRICULTORES DA FAE

PARA EVITAR AGLOMERAÇÕES NA FEIRA NESSE SÁBADO, ENCOMENDE SUAS COMPRAS ANTECIPADAMENTE!

fae Associação Agrícola

FAE - Feira de Agricultores Ecológicos
19 de maio

Para agilizar a sua feira no sábado, nos disponibilizamos a separar seus produtos previamente e com segurança 🙌❤️👍
Para fazer sua encomenda, entre em contato com os agricultores que eles te enviam a lista de produtos mais detalhada e você retira no sábado, na Feira dos Agricultores Ecológicos (FAE) na primeira quadra da José Bonifácio, bairro Bom Fim 🌱

*ACERT Raposa - 51 995000757 - açaí, inhame, banana
 *ACERT Três Passos - 51 996664914: Banana, inhame, alpin, folhas, temperos, berinjela, quiabo, goiaba
 *ACERTEM - 51 996687402: VERDURAS, LEGUMES, E FRUTAS
 *Amigos da Terra - 51 992993253: Laticínios e padaria

Escreva um com...

Fonte: Página de Facebook da FAE

Imagem 11: Foto do comerciante com máscara, vestindo avental com o número de WhatsApp



Fonte: Página de Facebook da AFPA-Pel

Imagem 12: Postagem contrastando o consumo de alimentos frescos ao consumo de medicamentos



Fonte: Perfil de Instagram da ARPA-Sul

Fazer a feira na pandemia

A situação atípica que vivenciamos desde março de 2020 suscitou (e ainda suscita) emoções diversas, reconfigurando cotidianos, exigindo adaptações e tendo a incerteza como marca das percepções de risco. Sobretudo nos primeiros meses da pandemia de Covid-19, apresentava-se a nós como desafio o pesquisar as feiras de alimentos – espaço de circulação econômica, mas muito mais que isso, locus de relações, espaços de sociabilidade. É nesse quadro que as pesquisas revelariam o impacto do coronavírus em atividade cotidiana, comum à vida.

Ao atentarmos para os elementos/objetos físicos, bem como para os elementos criativos e aqueles da esfera jurídica, percebemos como os sujeitos que compõem as feiras têm elaborado e adaptado estratégias para o contexto pandêmico. Ainda que, em um primeiro momento de impacto, algumas feiras tenham chegado a ser canceladas, a comercialização de alimentos - necessidade básica - não pode ser permanentemente interrompida. Logo, adaptações físicas surgiram, regulamentadas em decretos para obrigatoriedade de máscaras, álcool gel e distanciamento, mas também estratégias foram desenvolvidas e aplicadas por feirantes, como pias improvisadas ao longo da feira, para que as pessoas pudessem higienizar as mãos. Também houve a intensificação do uso das redes sociais, uma vez que as famílias rurais também passaram a comercializar seus produtos mediante encomenda e entrega. As páginas de Facebook e os perfis de Instagram tornaram-se ferramentas importantes para orientar os consumidores no que diz respeito ao uso de máscaras e álcool gel, aos padrões de comportamento nas filas e ao cumprimento do distanciamento, enquanto o WhatsApp tornava-se protagonista nas negociações, facilitando a comercialização.

Neste texto, procuramos destacar alguns dos elementos observados nas feiras como realizadas no período recente, evidenciando-os através da reprodução das imagens das publicações veiculadas na internet. Esses elementos são aqui entendidos como alguns dos marcadores presentes na atividade cotidiana de fazer a feira em tempos de pandemia, período em que o risco volta à centralidade dos debates, em especial, como abordado no artigo, na relação com o que comemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARDON, Richard. **Mary Douglas**: uma biografia intelectual. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2004, 458 p.

GUIVANT, Julia. A trajetória das análises de risco: da periferia ao centro da teoria social. **BIB**, Rio de Janeiro, 46, p. 3 – 38, 1998. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-46/488-a-trajetoria-das-analises-de-risco-da-periferia-ao-centro-da-teoria-social/file> Acesso em 20 - set – 2021.

HELLEBRANDT, Luceni. Conflitos da pesca artesanal de tainha na Colônia Z3 e sua relação com as políticas públicas. **Dissertação** de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento Costeiro, FURG. Rio Grande. 2012

LINS, Beatriz Acioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia de. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. e181821, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181821. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernos-decampo/article/view/181821>. Acesso em: 29 out. 2021.

MENASCHE, Renata. **Os grãos da discórdia e o risco à mesa**: um estudo antropológico das representações sociais sobre cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

RIBEIRO, Renata Tomaz do Amaral Ribeiro. Novidade na Feira: um estudo etnográfico envolvendo Plantas Alimentícias não Convencionais. **Dissertação** de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS. Porto Alegre. 2020.

ROCHA, Carla Pires Vieira da; HELLEBRANDT, Luceni; GONÇALVES, Beatrice Corrêa de Oliveira, RIAL, Carmen. Interdisciplinaridade na Constituição da Pesquisa em Alimentação a partir do Campo das Ciências Humanas. In: KAZAMA, Ricardo et al. (Org.) **Interdisciplinaridade: teoria e prática**. 1. Ed. – Florianópolis: UFSC/ECG, 2014. v. 2. pp 405 - 422

SEGATA, Jean. Covid 19, biossegurança e antropologia. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 26, n. 57, p. 275-313, maio/ago. 2020

SILVA, Denise; MENASCHE, Renata. Dossiê “Comida em tempos de pandemia”. **Revista de Alimentação Cultura das Américas**. RACA. 2 (2): 2-4, jul./dez, 2020.

TAVARES, Flor Wienke. **Um novo estilo de fazer a feira em Pelotas**: transformações no consumo alimentar no contexto da pandemia de COVID-19. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia). Curso de Bacharelado em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Recebido em: 30/10/2021

Aceito em: 31/01/2022

